



Entrevista

Com *Lucia Cristina dos Santos Rosa*¹

SS&S – Prof.^a Dr.^a Lucia Rosa, você poderia nos contar como foi o seu encontro com o Serviço Social?

[...] Dizer o quanto me sinto honrada em ter esse diálogo, tão impar no Serviço Social e parabenizar a qualidade da revista *Serviço Social & Saúde* e a iniciativa, que nos permite trazer ângulos mais, digamos assim, intimista e histórico de nosso percurso profissional.

PROF.^a LUCIA ROSA – Em primeiro lugar quero agradecer o convite para essa entrevista. Dizer o quanto me sinto honrada em ter esse diálogo, tão impar no Serviço Social e parabenizar a qualidade da revista *Serviço Social & Saúde* e a iniciativa, que nos permite trazer ângulos mais, digamos assim, pessoal e histórico de nosso percurso profissional. Meu encontro com o Serviço Social vem desde a infância, pois o bairro Paulicéia, onde eu morava em Piracicaba/SP foi o bairro que acolheu o Centro Social Cáritas, que acredito ter sido o primeiro campo de estágio e de atuação em comunidade, da Faculdade de Serviço Social de Piracicaba. Era considerado um bairro estigmatizado na década de 70. Era, popularmente, conhecido negativamente com a alcunha de Coréia, uma alusão a território de guerra. Piracicaba era economicamente um centro atrativo para migrantes, em busca de melhores condições de vida, sobretudo através do corte da cana, da metalurgia e da construção civil. No bairro havia muitos migrantes, sobretudo oriundos de Minas Gerais e do Nordeste. Meus pais foram atuar como voluntários no Centro Social Cáritas. Eram, a meu ver, um tipo de liderança comunitária, organizando festas semanais e atuando muito próximo com as estagiárias de Serviço Social, que na época eram as filhas da alta sociedade piracicabana e com as assistentes sociais da Prefeitura. Além

¹ Graduada em Serviço Social pela Faculdade de Serviço Social de Piracicaba-SP (1985), Mestre (1994) e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2001) e também pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001). É professora titular do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí e do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Piauí.

[...]Eu adorava visitar suas casas, comumente reduzida a um cômodo, e conversar com eles. Admirava também como eles eram generosos, me acolhiam, e aceitavam minhas “investidas” curiosas. Eram muito guerreiros e fui observando o objetivo de melhorar a qualidade de vida se consumando, através dos intensos investimentos em ter a casa própria e ir melhorando o espaço da moradia.

disso, meus pais eram o equivalente hoje aos agentes comunitários de saúde. Parte significativa dos sinistros que ocorriam no bairro em termos de saúde, ia parar na minha casa. Meus pais aplicavam injeção, inclusive endovenosa, aprenderam pela necessidade, pois não havia farmácias nem postos de saúde no bairro, e tinham seis filhos, quando alguns adoeciam era sempre um problema, caso houvesse prescrição médica de aplicar substâncias injetáveis. Faziam isso também para a vizinhança, que demandava tal ação. Minha mãe, no geral, também, dava as primeiras orientações em caso de óbito e também era chamada para prestar os primeiros socorros em situações de atropelamentos, esfaqueamentos, vítimas de tiros. Eu e meus irmãos a acompanhávamos em muitas dessas circunstâncias, no geral observando, ajudando no que fosse necessário (sobretudo quando era para chamar um taxi, avisar pessoas sobre a ocorrência ou admirando a atuação de nossa mãe). Eu ficava fascinada com a diversidade de modos de ser e viver das pessoas, e dos diferentes grupos que apareciam no meu bairro. Ficava impressionada como eles improvisavam a lata de goiabada como prato. Como arrumavam suas roupas em varais improvisados, pela impossibilidade de aquisição de guarda roupa convencional. Eu adorava visitar suas casas, comumente reduzida a um cômodo, e conversar com eles. Admirava também como eles eram generosos, me acolhiam, e aceitavam minhas “investidas” curiosas. Eram muito guerreiros e fui observando o objetivo de melhorar a qualidade de vida se consumando, através dos intensos investimentos em ter a casa própria e ir melhorando o espaço da moradia. Muitas senhoras me chamavam carinhosamente de “minha fia” (filha) e ao passar por elas na rua sempre havia uma intensa alegria perpassando o cumprimento entre nós. Depois de algum tempo fui constatar que eles e elas se impressionavam comigo por

[...] Depois de muitos anos fui observar o quão importante é a dimensão cultural que perpassa a questão. Eu fui socializada num contexto em que o “louco e a loucura” faziam parte do meu cenário de vida, as fronteiras entre normal e anormal(idade) estavam borradas, o que me permitiu um outro olhar e conduta no futuro

admirar como uma pessoa “considerada rica naquele contexto” os cumprimentava e se interessava pela vida deles. Queria muito poder colaborar com esse pessoal. Ainda nos primeiros anos do antigo “primário” (hoje Ensino Fundamental), eu acompanhava uma auxiliar de minha mãe nas aulas do Mobral e via todos os esforços que a turma dedicava na perspectiva de se alfabetizar. Contudo, não conseguia sair da palavra tijolo, panela.... e queria muito poder ajudar na alfabetização de adultos, e não sabia como. Mas, procurava observar e conhecer mais sobre a vida deles. Observava, também, meu pai conversar com as pessoas que tinham transtorno mental e perambulavam pelas ruas do bairro. E elas gostavam dele. Ele tinha muito respeito e acolhimento com este segmento. Eu não compreendia o que eles conversavam, mas, percebia que havia o respeito na troca e o acolhimento oferecido por meu pai. Depois de muitos anos fui observar o quão importante é a dimensão cultural que perpassa a questão. Eu fui socializada num contexto em que o “louco e a loucura” faziam parte do meu cenário de vida, as fronteiras entre normal e anormal(idade) estavam borradas, o que me permitiu um outro olhar e conduta no futuro.

Ao terminar o 2º grau, soube da existência da Faculdade de Serviço Social de Piracicaba, situada em um local estratégico, o mais próximo de meu caminho para casa. Prestei o vestibular e ao ser aprovada me matriculei no curso. A identificação foi logo no início e plena. Vivi intensamente essa fase, participando do movimento estudantil, que estava sendo reativado, participando desde o 1º ano, como estudante de base, depois como secretária e presidente do Diretório Acadêmico. Havia muitos ruídos de que os alunos que militavam no movimento estudantil seriam fichados no DOPS, isso em 1982/1983. Participei, com outras colegas de Faculdade, dos encontros da ABESS realizados na região e,

[...] Vivi intensamente essa fase, participando do movimento estudantil, que estava sendo reativado [...] Participei, com outras colegas de Faculdade, dos encontros da ABESS realizados na região e, sobretudo na cidade de São Paulo, na PUCCAMP/ PUC-SP/ FMU tendo em vista, na época, as mudanças curriculares e muitos movimentos em prol da melhoria do ensino.

sobretudo na cidade de São Paulo, na PUCCAMP/ PUC-SP/ FMU tendo em vista, na época, as mudanças curriculares e muitos movimentos em prol da melhoria do ensino.

Também participei do movimento de ativação do sindicato na região, ainda como estudante do último ano da Faculdade. A Faculdade de Serviço Social era vinculada à Diocese de Piracicaba e o Bispo da época, Dom Eduardo Koaik, deliberou pela venda da mesma. O movimento estudantil era favorável à venda da Faculdade de Serviço Social para a Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP, pois tinha todo um trabalho voltado para as periferias e um projeto político progressista. O Reitor da UNIMEP na época era o Elias Boaventura, e ele estava interessado nessa transação. Era favorável ao reatamento das relações entre Brasil e Cuba; recebeu as primeiras “levas” de anistiados pela “ditadura militar”, que passaram a integrar o quadro de docente da UNIMEP e tinha o Projeto Periferia e outras ações que permitiam que Frei Beto e Paulo Freire fossem consultores das ações, convivendo muito no dia a dia da realidade piracicabana. Mas, o Bispo deliberou pela venda para um grupo católico, as Faculdades Integradas Maria Imaculada, apesar das resistências do movimento estudantil. Ao perceber que a transação com a UNIMEP estava impossibilitada, o movimento estudantil começou a buscar outras possibilidades com outros segmentos católicos. Iniciamos diálogos por telefone com a Professora Nobuco Kamayema, na época Diretora da Faculdade de Lins, que topou assumir nossa Faculdade. Eu fui para Lins, representando nosso movimento estudantil para fecharmos uma proposta. Tentamos, sem sucesso, apresentá-la ao Bispo.

Neste cenário, as Faculdades Integradas Maria Imaculada assumiram a gestão da Faculdade de Serviço Social em 1985,

Neste cenário, as Faculdades Integradas Maria Imaculada assumiram a gestão da Faculdade de Serviço Social em 1985. [...] Soube que, infelizmente, a Faculdade encerrou suas atividades em 2014, parece que não suportou a concorrência desigual com o ensino a distância. Lamentei muito.

que teve na sua direção, inicialmente, uma pessoa que não era assistente social e o movimento estudantil denunciou à Delegacia do CRESS, em Campinas. Isso gerou um problema, que foi solucionado, posteriormente, com a nomeação de uma assistente social como diretora. Soube que, infelizmente, a Faculdade encerrou suas atividades em 2014, parece que não suportou a concorrência desigual com o ensino a distância. Lamentei muito.

Fui estagiária e depois contratada como assistente social na Associação dos Favelados (ASFAP), de minha cidade, até que migrei para o Piauí, em 1986, recém-formada. Fiz o caminho contrário do povo que admirava, o caminho da Asa Branca.... migrante igualmente, mas, para o Nordeste, pois meu marido nasceu lá e nos conhecemos em Piracicaba, pois estava fazendo o doutorado na ESALQ-USP.

SS&S – Professora, você é uma autoridade no campo de conhecimento do Serviço Social, tendo fundamental importância nos debates sobre o campo da Saúde Mental e o Serviço Social no país. Você poderia nos contar como se deu o seu encontro com esse campo do saber?

PROF.^a LUCIA ROSA – Bem. Avaliando retrospectivamente, creio que teve início antes mesmo de eu pensar em ser assistente social. Na observação da conduta de meu pai com as pessoas que tinham transtorno mental no meu bairro. Ele as considerava e as tratava como uma pessoa como outra qualquer. Minha mãe também teve participação nisso, pois as pessoas consideradas estranhas e diferentes era o público alvo de algumas ações dela que eu acompanhava. Ela participou como auxiliar na farmácia do Lions Clube de Piracicaba (na época localizada na Rua Moraes Barros) e do Centro de Obras Sociais de Piracicaba (CEOSP), na época na Rua Ipiranga, distribuindo leite e medicações. Eu, ainda criança, estava

[...] Para mim era um campo como outro qualquer, mas, depois fui constatar que muitas acreditavam que quem o assumisse estaria sob risco de ser agredida. Ao ingressar no hospital psiquiátrico intrigava-me os discursos culpabilizantes e contraditórios em relação à participação ou não participação das famílias na produção e na provisão do cuidado em Saúde Mental.

sempre por perto, também auxiliando nas ações dela. A partir disso, depois de muito tempo, fui me dar conta de que eu não tinha medo das pessoas com transtorno mental, em função dessa sociabilidade propiciada pelo meu contexto social e familiar. As marcas da periculosidade e da incapacidade a elas historicamente associadas não estavam no meu registro. Creio até ao contrário, esse universo até me fascinava. O da diferença e do diferente, exatamente pela intensa vivência propiciada a partir do meio familiar e da interlocução muito próxima com a diversidade associadas às adversidades. Assim, depois de 4 anos atuando como docente no Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Piauí, principalmente a partir do acompanhamento de estagiárias em várias políticas, a colega que atuava como supervisora docente no campo de estágio na Saúde Mental, em um manicômio de referência estadual, Professora Maria Dulce Silva, se aposentou e eu ocupei a lacuna que surgiu, pois nenhuma outra pessoa se propunha a entrar num campo considerado cercado pelo risco, pelo perigo. Tanto é que quando eu assumi algumas colegas vieram me perguntar por que eu o tinha aceito. Para mim era um campo como outro qualquer, mas, depois fui constatar que muitas acreditavam que quem o assumisse estaria sob risco de ser agredida. Ao ingressar no manicômio intrigava-me os discursos culpabilizantes e contraditórios em relação à participação ou não participação das famílias na produção e na provisão do cuidado em saúde mental, o que me levou a participar de um estudo exploratório com a equipe do mesmo serviço, Hospital Areolino de Abreu, apresentá-lo em um Congresso de Serviço Social em Salvador na Bahia em 1995, e em seguida, a querer estudar mais profundamente a questão, através do doutorado. Escolhi fazer o doutorado no Rio de Janeiro por ser o berço da

[...] São vários os desafios para a intervenção do Serviço Social/ assistente social. Um deles é ampliar a produção de conhecimento do Serviço Social na Saúde Mental orientado pela perspectiva do Projeto Ético Político, Reforma Psiquiátrica e redução de danos. É um campo ainda secundarizado em nosso meio, apesar do número significativo de assistentes sociais atuando nos vários equipamentos, segmentos e Políticas da Saúde Mental.

Psiquiatria e foi ótimo, pois tive o contato com os principais fomentadores do movimento da Reforma Psiquiátrica brasileira e pude acessar, num momento ainda de escassez, a produção acadêmica, que começava a ser disponibilizada apenas pelos COMUTs das bibliotecas universitárias, num intercâmbio moroso demais. Também tive contato com alguns movimentos sociais do Rio de Janeiro e a partir disso, em 2001, em conjunto com outras colegas, criamos a Âncora – associação de usuários, familiares e pessoas interessadas na causa da saúde mental do Piauí. Havia uma familiar que tinha perdido o irmão por falecimento, e como ele buscava pela *internet* conhecer os grupos de usuários, ela queria fazer uma homenagem ao irmão. A Âncora realiza eventos na perspectiva de fomentar a participação e o protagonismo de usuários e familiares da Saúde Mental, isso é fundamental, pois o estigma ronda sobremodo esse segmento. Ter possibilitado uma releitura e a complexificação da produção e provisão de cuidados nas famílias foi algo muito intenso e prazeroso. Mas, há o risco, na Saúde Mental, do cuidado comunitário se restringir a cuidado familiar, com alto custo mulher.

SS&S – Professora, nós gostaríamos que tecesse uma análise sobre os desafios postos à intervenção do Serviço Social nesse espaço sócio-ocupacional?

PROF.^a LUCIA ROSA – São vários os desafios para a intervenção do Serviço Social/ assistente social. Um deles é **ampliar a produção de conhecimento** do Serviço Social na Saúde Mental orientado pela perspectiva do Projeto Ético Político, Reforma Psiquiátrica e redução de danos. É um campo ainda secundarizado em nosso meio, apesar do número significativo de assistentes sociais atuando nos vários equipamentos, segmentos e Políticas da Saúde Mental. E, com

[...] Outro desafio remete às questões técnico operativas, que muitos colegas tentam priorizar, como se pudesse estar descolada das questões teórico metodológicas e ético políticas. Temos que avançar no equilíbrio desse tripé. Outro desafio circunscreve o trabalho intersetorial. Historicamente nossa profissão teve um legado do trabalho em redes sociais, [...] mas, parece que o trabalho na interface entre as diferentes políticas públicas, na troca de saberes e fazeres, na ação no território, precisa de maior intensificação/ investimentos.

riscos de ser estigmatizado pelas marcas históricas das leituras psicologizadas/ psicologizantes das relações sociais, que remontam ao período pré-Reconceituação, nos anos 60. Os assistentes sociais, na maioria dos contextos e equipes, têm produzido uma ação e uma diferença na leitura de muitas expressões da questão social subjacentes à existência/ à vida e ao viver com os transtornos mentais, mas, o cotidiano assistencial no geral é pouco utilizado na sistematização das experiências de assistentes sociais. Há alguns assistentes sociais que participaram de maneira intensa na construção de processos de reforma em saúde mental vanguardistas em muitos municípios, como em Campinas, mas que não deixaram registros para a nossa categoria nesse sentido. Isso acaba se perdendo. A participação e autoria de nossa profissão. Muitas colegas nem percebem que estão contribuindo na produção do processo histórico ou ocupando lugares estratégicos na produção do novo. Por outro lado, observo vários assistentes sociais na Saúde Mental sem uma fundamentação teórico-metodológica consistente para orientar suas ações e aí, ficam vulneráveis. Há muitos assistentes sociais na gestão da Política de Saúde Mental, sem que isso redunde em textos, em registros analíticos consistentes. Outro desafio remete às questões técnico operativas, que muitos colegas tentam priorizar, como se pudesse estar descolada das questões teórico metodológicas e ético políticas. Temos que avançar no equilíbrio desse tripé.

Outro desafio circunscreve o **trabalho intersetorial**. Historicamente nossa profissão teve um legado do trabalho em redes sociais, com os recursos da comunidade, mas, parece que o trabalho na interface entre as diferentes políticas públicas, na troca de saberes e fazeres, na ação no território,

precisa de maior intensificação/ investimentos, ou talvez visibilizar melhor nossas contribuições nesse sentido, pois estão concentradas em determinadas pessoas/autores.

[...] os assistentes sociais precisariam criar estratégias e momentos de se encontrar e interagir mais e melhor. Construir mais reflexões coletivamente, e realizar mais avaliações de como podemos avançar mais e melhor, em um contexto em que o ensino superior, sobretudo a formação em Serviço Social, está sendo colocada em xeque em termos de quantidade e de qualidade. A academia precisa se aproximar mais do exercício profissional, o diálogo tem que ser mais constante e estreitado.

Com os serviços de Saúde Mental abertos e comunitários e com a descentralização das ações para os territórios de vida das pessoas, os profissionais de Serviço Social ficaram mais dispersos entre si. Nossos diálogos como categoria tem se concentrado nos momentos dos grandes eventos como CBAS, ENPESS, CONASSS², o que é muito bom, mas, insuficiente. A meu ver, os assistentes sociais precisariam criar estratégias e momentos de se encontrar e interagir mais e melhor. Construir mais reflexões coletivamente, e realizar mais avaliações de como podemos avançar mais e melhor, em um contexto em que o Ensino Superior, sobretudo a formação em Serviço Social, está sendo colocada em xeque em termos de quantidade e de qualidade. A **academia precisa se aproximar mais do exercício profissional**, o diálogo tem que ser mais constante e estreitado. Vejo que está difícil, – com os baixos salários, os precários e multiplicados vínculos trabalhistas –, os assistentes sociais efetivarem as diretrizes curriculares, e colocarem em ação o perfil de um profissional investigativo, que produza conhecimentos. Creio que as parcerias e maior diálogo poderá contribuir para diminuir hiatos e o processo de isolamento. Além disso, nem sempre os espaços formativos acompanham as mudanças na esfera das diferentes políticas sociais, que é frequente e intenso. Outro desafio é a atuação da nossa categoria em ações na **desconstrução do estigma social** que ronda este segmento, que associa várias identidades socialmente estigmatizadas: de pessoa com transtorno mental + pobre + negro + analfabeto (e outras) que os tornam mais

² Respectivamente, Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social (ABEPSS) e Congresso Nacional de Serviço Social da Saúde, organizado pelos Serviços Sociais das três Universidades Estaduais Paulistas, UNESP, UNICAMP e USP.

[...] a Saúde Mental não é algo privativo da saúde, tem que ser transversal a toda política social. Observo muito as dificuldades das famílias com crianças com transtorno mental, que no geral, enfrentam as dificuldades no asseguramento de matrículas de seus filhos e na permanência deles na escola.

vulneráveis e, às vezes, mais isolados socialmente. Parece que perdemos todo aquele investimento em educação popular, ações de mobilização, participação e organização. Nossa própria categoria encontra-se pouco mobilizada para a participação em suas entidades de classe, refletindo os ânimos da sociedade como um todo. Temos ainda que fazer valer a assistência integral, que abarque efetivamente a “existência sofrimento”, os determinantes sociais do processo saúde doença cuidado, levando as pessoas com transtorno mental a poder usufruir da cidade e do que ela oferece em termos de políticas públicas e sociais. Com o movimento da Reforma em Saúde Mental houve uma reconstituição da complexidade do viver com o transtorno mental. Neste sentido, **a Saúde Mental não é algo privativo da saúde, tem que ser transversal a toda política social.** Observo muito as dificuldades das famílias com crianças com transtorno mental, que no geral, enfrentam as dificuldades no asseguramento de matrículas de seus filhos e na permanência deles na escola. Tendem a ser futuros adultos analfabetos, caso esse panorama não seja alterado. O constrangimento de assinar com o dedão, “assinatura de dedão”³³ é imenso. Além disso, há a privação do convívio das crianças tidas como “normais” com os diferentes e com a diferença, intermediado por uma sociabilidade permeada pelo respeito e solidariedade. A escola tem que ser um espaço democrático e que propicie essas trocas e o reconhecimento do outro como igual e diferente ao mesmo tempo, combatendo e problematizando preconceitos e discriminações. A inserção no mercado de trabalho é outra questão, enfrentada por muitos assistentes sociais, mas pouco documentada.

³³ Impressão/carimbo da digital do polegar direito.

SS&S – Em sua opinião, quais são as principais contribuições do Serviço Social na atualidade?

[...] Temos todo o processo de resistência, comandado pela ABEPSS, para preservar a qualidade da formação profissional do assistente social. E temos os assistentes sociais atuando em todas as políticas sociais, sendo reconhecidos como profissão indispensável. Isso não é pouco, mas, às vezes dá a impressão que a categoria celebra pouco os avanços.

PROF.^a LUCIA ROSA – A principal contribuição do Serviço Social na atualidade creio estar concentrada no legado da **produção histórica e crítica acumulada** pela categoria. Não é em vão que temos várias editoras comerciais investindo atualmente na produção acadêmica do Serviço Social. Temos uma massa crítica, sobretudo relacionada aos avanços e destruição produzidas pela nova etapa do desenvolvimento capitalista, com os impactos sobre os direitos, principalmente sociais e o desmonte das políticas sociais baseadas no estado de bem-estar, que parece que nenhuma outra profissão tem.

Temos o **Projeto Ético Político** que se mantém hegemônico e na perspectiva da emancipação humana, cada vez mais sendo aprimorado, através das discussões que o conjunto CFESS/CRESS tem patrocinado, haja vista a produção dos vários parâmetros de atuação para a profissão, para os diversos espaços sócio ocupacionais que a profissão tem construído. Mas, temos que avançar nessa perspectiva associando todo este legado ao exercício profissional cotidiano.

Temos todo o processo de resistência, comandado pela ABEPSS, para preservar a qualidade da formação profissional do assistente social. E temos os assistentes sociais atuando em todas as políticas sociais, sendo reconhecidos como profissão indispensável. Isso não é pouco, mas, às vezes dá a impressão que a categoria celebra pouco os avanços.

SS&S – Finalizando a entrevista, agradecemos sua disponibilidade e a convidamos a deixar uma mensagem aos leitores da Revista.

PROF.^a LUCIA ROSA – Na sociedade da informação, a interlocução pela leitura é fundamental. Os avanços teóricos metodológicos do Serviço Social necessitam ser acompanhados pelos avanços nas demais dimensões do tripé...ou seja, dimensões ético-políticas e técnico-operativas. Nossa profissão tem vários legados, inclusive na participação e mobilização social, na educação popular, que precisamos reinvestir, inclusive para o fortalecimento interno da profissão. Nós assistentes sociais precisamos fazer valer o perfil do profissional crítico e investigativo, em todos os níveis, investir mais na produção acadêmica, na sistematização das experiências cotidianas. Avançar mais rumo ao conhecimento do fazer cotidiano da profissão. Temos também que conquistar mais espaço, acreditar mais no que fazemos e ter mais orgulho de ser assistente social.

[...] Temos também que conquistar mais espaço, acreditar mais no que fazemos e ter mais orgulho de ser assistente social.

Teresina, Piauí, novembro de 2016.

Lucia Cristina dos Santos Rosa

Recebida em 07.11.2016 – Aprovada em 22.12.2016